

ARTIGO

**OS DISCURSOS SOBRE A IDENTIDADE DO SUJEITO SEM TETO NO
JORNALISMO ON-LINE**

(The discourse about the identity of the homeless subject in online journalism)

(Los discursos sobre la identidad de las personas sin hogar en periodismo en línea)

Nívea Rohling¹

(Universidade Tecnológica Federal do Paraná)

Paula Caroline Zarth Padilha²

(Universidade Tecnológica Federal do Paraná)

Recebido em: maio de 2020

Aceito em: março de 2021

DOI: 10.26512/les.v22i2.31542

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR-CT Curitiba). E-mail: nivear@utfpr.edu.br.

² Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGEL - UTFPR). Membro do Grupo de Pesquisa em Linguística Aplicada (GRUPLA) pela UTFPR. Graduada em Bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Universidade Positivo (PR). E-mail: paulazarth@gmail.com.

RESUMO

Este artigo analisa discursos sobre a identidade de sujeitos sem teto, participantes da Ocupação Povo Sem Medo, organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) no espaço-tempo de setembro de 2017 a abril de 2018. O corpus é constituído de notícias, reportagens e comentários on-line que tematizam a referida ocupação, publicados em sites jornalísticos. As cadeias enunciativas foram analisadas a partir da Análise Dialógica do Discurso (ADD), mobilizando conceitos fundantes como discurso, sujeito, alteridade e da teoria da referenciação. Como regularidades, no tocante à identidade dos sem teto, observou-se uma discursividade de criminalização e marginalização desses sujeitos.

Palavras-chave: Análise Dialógica de Discurso; Jornalismo on-line; Identidade; Sem teto.

ABSTRACT

This article analyzes discourses focusing on the identity of homeless individuals participating in the Ocupação Povo Sem Medo, organized by the Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) in space from September 2017 to April 2018. The analyzed corpus consists of news, reports and online comments on this occupation, published on the media websites. The enunciative chains were analyzed from the Dialogic Discourse Analysis (DDA), mobilizing fundamental concepts such as discourse, subject, alterity and utterance and the theory of referencing. As more salient regularities that emerged from the data, regarding the identity of the homeless, there was a discursiveness of criminalization and marginalization of these subjects.

Keywords: Dialogical Analysis of Discourse; Enunciative chains; Online journalism; Identity; Homeless.

RESUMEN

Este artículo analiza los discursos sobre la identidad de las personas sin hogar, participantes en la Ocupación Personas sin miedo, organizada por el Movimiento de personas sin hogar (MTST) en el espacio-tiempo desde septiembre de 2017 hasta abril de 2018. El corpus se compone de noticias, informes y comentarios en línea sobre la ocupación mencionada, publicados en sitios web periodísticos. Las cadenas enunciativas se analizaron a partir del Análisis del discurso dialógico (ADD), movilizando conceptos fundacionales como discurso, sujeto, alteridad y la teoría de referencia. Como regularidades, con respecto a la identidad de las personas sin hogar, hubo un discurso de criminalización y marginación de estos sujetos.

Palabras clave: Análisis del discurso dialógico; Periodismo en línea; Identidad; Sin techo.

INTRODUÇÃO

No período de setembro de 2017 a abril de 2018, mais de sete mil famílias ocuparam e permaneceram acampadas em um terreno, na cidade de São Bernardo do Campo (SP), em busca de acesso à moradia. A ocupação, batizada de “Povo Sem Medo”, foi organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), que se identifica como um movimento territorial de organização de trabalhadores urbanos a partir dos bairros periféricos³. Na esfera jornalística, esse evento foi tema de uma série de notícias tendo como foco o MTST, a questão da moradia e os próprios sem tetos. A partir desse evento disparador, buscamos compreender como o sujeito sem teto é discursivizado pelos diversos atores sociais.

Nesse contexto de produção discursiva, o presente artigo analisa discursos sobre a identidade dos sujeitos sem teto da Ocupação Povo Sem Medo, materializados em notícias e reportagens on-line

³ Disponível em <http://www.mtst.org/quem-somos/>. Acesso em: 4 nov. 2017.

publicadas nos *sites* *GI*, *Veja* e *Rede Brasil Atual*, sobretudo a partir de reverberações de leitores via comentários on-line.

O enfoque está nos modos como os leitores ocupam esse espaço interacional e conferem acabamentos identitários ao sujeito sem teto. A referenciação ao sujeito sem teto emerge nas regularidades dos dados, sobretudo nos comentários on-line, como objeto de discurso recorrente, que é retomado, avaliado e reacentuado nas cadeias enunciativas. Essa menção recorrente ao sem teto nos trouxe alguns questionamentos, tais como: Quem é esse sujeito no mundo? Como ele é visto discursivamente? Como ele é referenciado? Como é constituída sua identidade? Esse sujeito é político? É militante?

Essa discussão busca construir inteligibilidades sobre os discursos em circulação social sobre o sujeito sem teto tendo, pois, implicações no debate público no que tange ao acesso de moradia como um direito.

Para tanto, após essa breve introdução, este artigo está organizado em quatro seções. Primeiramente, a discussão teórica sobre conceitos fundantes como: discurso, sujeito, identidade e alteridade. A seção seguinte, descreve aspectos relacionados ao percurso metodológico do estudo. E, por fim, apresentamos a análise abordando os discursos sobre a identidade do sujeito sem teto, seguida de seção com as considerações finais.

1. SUJEITO, ALTERIDADE E IDENTIDADE

Este artigo tem como base epistemológica a concepção de linguagem ancorada nos escritos do Círculo de Bakhtin, em que discurso é compreendido como a própria língua em sua integridade concreta e viva. Trata-se, pois, de um fenômeno social, concreto e voltado para um determinado objeto no mundo. E, ainda, Bakhtin (2015 [1930]) define esse discurso do outro, essa opinião social sobre o objeto, como “heterodiscursiva”. Desse modo, a “língua única não é dada, mas, no fundo, sempre indicada e em cada momento de sua vida opõe-se ao heterodiscurso real” (BAKHTIN, 2015 [1930], p. 40), mas “atuam no meio de um efetivo heterodiscurso” (BAKHTIN, 2015 [1930], p. 41).

A partir dessa visão de discurso, a análise dialógica no tocante à temática da identidade requer a mobilização de conceitos tais como: sujeito, alteridade e identidade. A concepção de sujeito, nos escritos do Círculo de Bakhtin, refuta a dicotomia sujeito biológico x sujeito completamente empírico, uma vez que implica um olhar social, histórico e concreto para o sujeito (SOBRAL, 2007). Trata-se, pois, de um sujeito *situado*, ativo e que tem um caráter relacional. Nessa perspectiva, “o sujeito não é um fantoche das relações sociais, mas um agente, um organizador de discursos, responsável pelos seus atos e responsivo a outro” (SOBRAL, 2007, p. 23). É importante também

entender que a concepção bakhtiniana de sujeito está intimamente ligada a conceitos outros, como *responsabilidade, excedente de visão, não-álibi da existência, alteridade e exotopia*.

O sujeito bakhtiniano está sempre em constituição, é inacabado, e está em processo de acabamento a partir da sua relação com o outro, ou seja, nas relações (conflituosas e questionadoras) de alteridade. Na relação do eu com o outro, que se manifesta em forma de valoração: “Todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro, e eu-para-o-outro” (BAKHTIN, 2010 [1986], p. 115). Esse outro baliza o agir responsável dos sujeitos, sendo, pois, “uma pessoa diferente, um outro ser axiológico” (BAKHTIN, 2010 [1986], p. 155).

Geraldi (2010) sumariza, na perspectiva dos estudos do Círculo de Bakhtin, a noção de sujeito a partir de cinco características: o sujeito é responsável, o sujeito é consciente, o sujeito é inacabado, o sujeito é respondente e o sujeito é datado.

O sujeito é *responsável*, é um ser único e insubstituível nos atos-eventos de sua vida concreta, pois ninguém pode estar no lugar ocupado por determinado sujeito e é, nesse sentido, que sua responsabilidade é experimentada. Segundo Rohling (2018), nessa perspectiva, eu não posso não agir; o que precisa ser feito por mim não pode ser feito por mais ninguém. Disso resulta que o sujeito ocupa um lugar, uma posição ética no mundo. No entanto, ele não está sozinho no mundo; essa ética se funda na visão de um sujeito que se constitui nas relações de alteridade (ROHLING, 2018).

O sujeito também é *consciente*, a partir da responsabilidade assumida, da busca do seu acabamento enquanto sujeito nas relações de alteridade, na oposição entre o eu e o outro. Essa oposição só pode ser experimentada através da palavra e se constitui nas relações sociais por meio de situações de interação discursiva. E tal materialidade se dá por meio dos signos produzidos nos grupos sociais. Os signos sendo, pois, uma produção externa, são posteriormente internalizados pela subjetividade. Assim, essa dimensão consciente é socialmente constituída em ato consolidado na linguagem.

Além disso, o sujeito é *respondente* a cada enunciação. Quando enuncia, todo ato de fala pressupõe responsividade: o sujeito se antecede e prevê uma resposta.

O sujeito é *datado*, pois a temporalidade da vida se contrapõe à atemporalidade da ciência. O limite de constituição do sujeito está nele ser datado e situado, pois para Bakhtin (2010 [1986], p. 107), um valor, reconhecido como válido universalmente, a generalização, “não existe”, pois tem sua validade condicionada “por sua correlação com o lugar singular daquele que participa”. O autor evidencia a importância do sujeito e de sua afirmação identitária como essencial e norteadora de todas as relações de alteridade.

Outra característica do sujeito, na perspectiva dialógica, é o caráter da incompletude, ou seja, de um inacabamento fundante do ser. As relações de alteridade permitem uma visão de acabamento do outro por meio da distância de visão (exotopia) nos processos interacionais. Assim, somente o outro pode ver o sujeito de um lugar que ele não pode se ver e conferir-lhe acabamentos identitários. Segundo Ribeiro e Sacramento (2010), o sujeito bakhtiniano é um ser em constante *vir a ser* e em diálogo constitutivo com a alteridade, sendo parte de um todo em processo perene de acabamento.

Desse modo, a alteridade também marca a individualidade do sujeito, pelo seu caráter de ser sempre incompleto, em constituição, que busca no outro o seu acabamento, a construção de sua própria identidade. Conforme Ponzio (2010, p. 19), a singularidade do sujeito bakhtiniano se completa e se constitui nas “relações de troca entre indivíduos que representam identidades”, nas relações coletivas, em que “a identidade individual é inevitavelmente coletiva”.

A noção de identidade tem sido amplamente discutida nos Estudos Culturais e apontam que, contemporaneamente, as identidades têm sido descentradas, descoladas, fragmentadas. De modo que as “velhas” identidades estão em desconstrução e novas identidades estão emergindo, fragmentando o indivíduo (HALL, 1992 [2006]). As mudanças estruturais produziram transformações nas sociedades modernas do final do século XX, fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e racionalidade que, no passado, tinham nos fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais (HALL, 1992 [2006]).

Nesse contexto epistêmico, as identidades são concebidas como construtos históricos intimamente relacionados às práticas discursivas dos sujeitos. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1992 [2006]).

A nosso ver, é possível relacionar essa perspectiva acerca da identidade ao pensamento bakhtiniano, uma vez que o sujeito, na visão de Bakhtin, está em “um movimento contínuo entre o eu e o outro, em que eu vivencio minha vida de dentro e o outro me dá completude exterior, infere-se que os acabamentos e as *identidades* são sempre múltiplas no tempo e no espaço [...]” (GERALDI, 2010, p. 143, grifo do autor).

No entanto, Rohling (2018) salienta que, a partir da arquitetura bakhtiniana, a categoria ‘identidade’ só pode ser compreendida se for relacionada à noção de *alteridade*, que se pauta na relação entre um eu e um tu. A ideia fundante é que um eu só se constitui como ser na base de um tu. Em outras palavras, destaca-se a importância do outro (interlocutor, leitor, ouvinte), que se torna o horizonte social avaliativo e interage na constituição da subjetividade do sujeito (ROHLING, 2008).

A partir dessa breve exposição conceitual acerca das noções de discurso, sujeito, alteridade e identidade, apresentamos, a seguir, a descrição dos dados seguido da análise empreendida.

2. DESCRIÇÃO DOS DADOS DE ANÁLISE

O presente estudo, de cunho qualitativo-interpretativista, tem como ancoragem a Análise Dialógica de Discurso (ADD). De acordo com Rohling (2014), as categorias de análise são observadas a partir das regularidades que emergem nos dados, sendo, pois, uma perspectiva analítica que se realiza na observação durante o percurso da pesquisa. Considera-se, portanto, que “não se podem aplicar as mesmas categorias de uma pesquisa já feita a outra, pois o dado é sempre o discurso concreto e único proferido em um determinado espaço e tempo e por determinados interlocutores” (ROHLING, 2014, p. 47).

Os dados analisados são compostos de notícias, reportagens e comentários on-line, produzidos pelos sites *GI*, *Veja* e *Rede Brasil Atual*, cuja temática é uma ocupação por moradia organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) na cidade de São Bernardo do Campo (SP), denominada pelo movimento como *Ocupação Povo Sem Medo*. A referida ocupação ocorreu do dia 2 de setembro de 2017 e se manteve até abril de 2018. Essa ocupação por moradia foi formada por 7 mil famílias, maioria de trabalhadores que perderam seus empregos nas indústrias metalúrgicas da região, e tornou-se notória no país, mobilizando atores sociais em prol da causa, de uma solução para a escassez e falta de acesso a moradia que acomete milhares de famílias.

Os dados (reportagens, notícias e comentários) foram gerados a partir de ferramentas de busca nos referidos sites em abril de 2018. No veículo denominado *Rede Brasil Atual*, situado como contra-hegemônico⁴, a busca foi via tags “*Ocupação Povo Sem Medo*” e “*Ocupação Povo Sem Medo de São Bernardo do Campo*”, resultando em 19 notícias e 01 reportagem⁵ inseridas majoritariamente na editoria “*Cidadania*”. Este veículo não disponibiliza possibilidade de comentários on-line pelos leitores em seu site.

Os dados do portal *GI* foram gerados a partir da ferramenta de busca no site, utilizando o termo “*Ocupação Povo Sem Medo*” e também a tag “*São Bernardo do Campo*”. Durante o período de existência da ocupação, foram registradas nesses termos de busca 11 notícias e 01 reportagem inseridas na plataforma do *GI*. O portal disponibiliza a ferramenta comentário on-line para seus leitores e nas respectivas notícias foram registrados 42 comentários on-line distribuídos em somente três dessas notícias.

⁴ Entendemos a hegemonia sob a perspectiva gramsciana, como a ação dominante, de visão de mundo, política, econômica, social, que estabelece rumos de pensamento para grande parcela da sociedade, e a mídia (hegemônica) como parte e, ao mesmo tempo, viabilizadora dessa dominação, que dita os rumos. A contra-hegemonia, também midiática, parte do conceito gramsciano de atuação pela direção política da luta dos trabalhadores, não contemplada pela mídia hegemônica.

⁵ Considera-se que a ferramenta de busca possa não ter elencado todas as notícias disponíveis neste site sobre a referida ocupação.

O site *Veja.com* se estabelece como plataforma on-line da revista impressa semanal de mesmo nome. O portal tem atualização não necessariamente vinculada ao conteúdo impresso da revista e observou-se que as oito postagens publicadas sobre a *Ocupação Povo Sem Medo* no período de sua existência tiveram responsividade de leitores materializadas em 25 comentários on-line. Para a geração de dados no site da revista *Veja*, foi utilizada ferramenta de busca própria disponibilizada, com a utilização da tag “*Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST*”.

3. REFERENCIAÇÃO E VALORAÇÃO DO OBJETO DE DISCURSO “SUJEITO SEM TETO”

A materialidade dos discursos em tela, analisados aqui, está em relação dialógica com os discursos sobre a moradia constituídos em um tempo mais alargado. Dessa forma, no presente estudo, o conceito de cronotopo nos permite estabelecer reflexões espaço-temporais sobre os discursos, objetos de sentido, e observar a historicidade dos discursos sobre o tema da moradia.

De modo mais amplo, é possível dizer que a questão da moradia está estabilizada a partir de duas concepções distintas: a de moradia como propriedade; e a reivindicação dos movimentos sociais, dentre eles o MTST, da moradia como direito.

Podemos aventar que os textos da esfera jornalística estão assentados na perspectiva da moradia como propriedade, especialmente nas notícias e reportagens produzidas pela mídia hegemônica, evidenciando o apagamento ou interdição do entendimento da moradia como políticas públicas ou direito social proporcionado pelo Estado, defesa que aparece tangenciada nos discursos produzidos pela mídia contra-hegemônica.

Assim, na análise, foi saliente os modos de referenciação desse objeto de discurso no período da ocupação. Os elementos em análise apresentados nos comentários on-line não necessariamente dialogam num heterodiscurso social (BAKHTIN, 2015 [1930]) com as notícias a que estão vinculadas, mas sim com todo os discursos relacionados à moradia como propriedade, habitação que só pode ser acessada por quem tem crédito bancário, mediante vínculo empregatício com remuneração correspondente.

A fim de evidenciar esse processo de referenciação, que remete aos discursos sobre a identidade do sujeito sem teto, apresentamos na Tabela 1 os modos de referenciação⁶ nas notícias, reportagens e nos comentários produzidos pelos sites *GI*, *Veja* e *Rede Brasil Atual*.

⁶ Na elaboração da Tabela 1, foram desconsideradas as menções ao movimento MTST enquanto entidade organizativa, bem como as menções sobre organizadores e coordenadores do MTST, enquanto representantes. Buscamos observar, portanto, como o sujeito sem-teto é referenciado, o que tem implicações na construção de discursos sobre esse sujeito no mundo social.

A referida apresentação aponta e quantifica os modos de referenciar os sujeitos sem teto por meio da escolha lexical. No entanto, vale destacar que a quantificação não constitui o foco da discussão, antes procura focalizar a escolha lexical como um dado relevante para compressão dos discursos acerca dessa identidade – o sujeito sem teto – no evento em tela.

A mobilização de um certo léxico em detrimento de outro remete ao processo de recategorização que, conforme Cavalcante (2009), é uma das funções da referenciação, em que os referentes "não podem ser caracterizados levando em conta somente as expressões referenciais, mas todo um conjunto de indícios que o texto fornece e articula para que a coerência seja reelaborada por cada leitor, à sua maneira" (CAVALCANTE, 2009, p. 2635). A noção de referenciação é revisitada pela autora a partir de Mondada e Dubois (2003) e Apothéloz (1995), sendo entendidos como objetos de discurso em que as escolhas visam construção de sentidos, representando uma tentativa de reconsiderar funções discursivas dos processos referenciais presentes na literatura da área (CAVALCANTE, 2009).

Cavalcante (2009, p. 2638) propõe o entrelaçamento dos referentes em que as funções dos processos referenciais são de tecer a referência. Além de recategorizar referentes que, no entendimento da autora, podem se somar a qualquer processo referencial, outras funções dos processos referenciais são retomar um referente, via anáforas correferenciais e anáforas não-correferenciais (indiretas), colaborando para a constituição de unidade de coerência; e o conceito de “encapsular proposições”, com o referente utilizado para resumir conteúdos espalhados, fragmentados, atendendo a propósitos argumentativos e comunicacionais.

O que se pretende dimensionar, no levantamento em tela, é como essa referenciação, constituída de valoração social, confere um certo acabamento identitário do sujeito sem teto a partir da reenunciação pelo leitor-comentador. Isso porque, segundo Bakhtin (2010 [1919]), a identidade pode ser compreendida como os acabamentos que os sujeitos vão construindo nas relações de intersubjetivas que se dão por meio da *alteridade* e dos *excedentes de visão*.

Tabela 1 - Referenciações sobre o sujeito sem teto

G1		Veja		RBA		Comentários (Veja e G1)	
referenciado	menções	referenciado	menções	referenciado	quantidade	referenciado	quantidade
bebê	1	amigas	1	amigo	1	V vagabundos	1
desempregados	5	aposentada	1	aposentada/0	2	V eles x nós	1
famílias	32	aproveitadores	1	crianças	8	V mais necessitados	1
grupo	8	assentado	7	desempregados	8	G aproveitadores	1
integrantes	12	criança	2	famílias	44	G bandidos	3
invasores	1	desempregados	4	idosos	2	G descendentes	1
manifestantes	14	estudante	1	integrantes	5	G essa galera	1
mulher	1	famílias	9	militantes	1	G esse pessoal	1
peessoas	26	filhos	2	morador	8	G esse povo	1
sem-teto	7	grupo	1	mulheres	1	G famílias	2
trabalhadores	1	homem	1	ocupantes	4	G foras da lei	1
		integrantes	4	pais	1	G gente desonesta	1
		invasores	4	peessoas	7	G gente pobre	1
		leigas	1	população	2	G invasores	1
		militante	13	povo	3	G marginais	2
		moradores	2	protagonistas	1	G massas	1
		mulher	1	sem terra	2	G nordestinos	1
		participantes	1	sem teto	7	G oportunistas	1
		peessoas	14	trabalhadores	6	G peessoas	2
		peessoas sem cultura	1	profissões diversas	12	G pragas	1
		população	1	senhora	1	G sem-teto	1
		povo	1				
		refugiados	1				
		sem-teto	10				
		trabalhador	1				
		profissões diversas	2				

Fonte: As autoras (2020).

Podemos observar que a narrativa jornalística sobre o sujeito sem teto privilegia, no processo de referenciação, seu papel na posição de membro de uma coletividade, com o uso mais expressivo dos léxicos “família”, “peessoas”, “integrantes”, “militantes”, “sem-teto”. E que as designações que identificam os sujeitos sem teto de forma individualizada, ainda assim, os contextualizam no mundo como um entre tantos outros que ele representa quando acionado pela narrativa, via discurso citado, como por exemplo, nas identificações por profissões diversas, ou como aposentados, ou como desempregados, pais, mães, esposas, filhos, peessoas idosas, jovens. Podemos inferir que todos esses modos de referenciar remetem a uma condição específica: os sem teto são peessoas.

Esses sujeitos integram um contexto social específico, situado, num espaço-tempo histórico de uma mobilização por acesso à moradia. A forma da mobilização, via ocupação de terreno, traz em seu contexto a luta de famílias que não têm como arcar financeiramente com o aluguel e uma construção social identitária de marginalização desses sujeitos sem teto. Essas referenciações inferem descolamento dessa marginalização por meio da construção de um imaginário social familiar, de coletividade, de situar aspectos profissionais. Esses sujeitos são parte de uma família, entre tantas outras ali, mas com algumas variantes sociais de referenciação dependendo do site de notícia em que é retomado discursivamente na produção de narrativas ou contra-narrativas.

Na RBA, *site* de posição contra-hegemônica criado e mantido por entidades sindicais de defesa dos direitos dos trabalhadores, o sujeito sem-teto-peessoa-família é também trabalhador, com

situação no momento da mobilização de desemprego, mas com profissão consolidada que o identifica como sujeito no mundo.

Na *Veja*, *site* hegemônico que utilizou o léxico “*invasão*” para se referir à ocupação, o sujeito-pessoa da mobilização é sem-teto e é “*militante*”, uma enunciação que representa a identificação desse sujeito como representação do movimento social, atrelado a uma atuação política, associada, de modo geral, a uma forma depreciativa. Vale destacar que, enquanto o léxico *militante* é assumido pelo movimento social como sujeito membro de uma coletividade, de uma causa, que busca solidariamente a solução para problemas sociais de todos; na narrativa hegemônica o sujeito *militante* é representado como massa manipulável por uma organização que tem a motivação de sua atuação questionada e associada a interesses individuais de lideranças e à profissionalização do movimento.

Assim, o léxico ‘*militante*’ configura um signo ideológico. O signo, na perspectiva bakhtinina, é parte de uma realidade social e ideológica, mas que também reflete e refrata outra realidade, capaz de distorcê-la, “percebê-la de um ponto de vista específico” (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929], p. 93). Sob esse ângulo, uma particularidade do signo ideológico é refratar e distorcer a realidade dentro dos limites da ideologia dominante (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929], p. 114). “*Militante*”, nessa situação de interação, confere a esse sujeito pessoa-sem-teto-militante um acento valorativo.

No portal também hegemônico *GI*, o sujeito sem-teto-pessoa é de família vítima do desemprego, é apresentado como um problema social, mas também como sujeito de integra uma organização: *integrante* do MTST, por estar na *Ocupação Povo Sem Medo*.

A ocupação, por sua vez, é enunciada com organicidade própria, vinculada ao movimento social MTST, sendo que esses sujeitos existem no mundo como parte dessa organização.

Assim, essas escolhas lexicais referenciam esses objetos de discurso no mundo social, pois, estão ancoradas no estilo do enunciado que, conforme Bakhtin (2003 [1979], p. 262), caracteriza-se pela “seleção dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua [...]”, no caso dos enunciados verbais. Trata-se, pois, da relação do gênero, do sujeito e do seu enunciado com os usos sociais da linguagem. A materialização de determinado léxico remete aos discursos disponíveis no mundo sobre esses sujeitos e que são selecionados de acordo com a situação interlocutiva e o objetivo do enunciator. Ao referenciar o sujeito sem teto como “pessoa” não se está representando-o somente como um ser humano, mas representa-o discursivamente como um ser de direito.

Identificar discursivamente a coletividade de sujeitos sem teto como “família” sinaliza para uma composição, um núcleo de pessoas com relação sanguínea ou afetiva. Porém, nessa situação de interação particular, há também a dimensão do sujeito sem teto coletivo, com organicidade para além

da composição familiar individual de cada um dentro de um barraco de lona. São todas as pessoas, em todos os barracos de lona.

Referenciar o sujeito sem teto como “militante” afasta-se, nessa situação interacional, de forma valorativa, desses dois entendimentos de “pessoa” e “família”, produzindo sentidos com a mesma aderência que o observado nos dados da *Veja*. Aqui, o léxico é acionado para designar quase uma não-pessoa, um sujeito que não cabe num núcleo familiar de afetividade. É, ao contrário, para esse auditório social, um sujeito comprometido discursivamente com uma causa, nos princípios da coletividade, mas para além disso, de um campo da comunicação ideológica em que se insere a luta social: o da política. Tornando, portanto, heterodiscursivamente e dialogicamente, esse léxico [militante] uma forma depreciativa de narrar discursivamente e enunciar esse sujeito. Esse entendimento baliza a construção identitária do sujeito sem teto.

A seguir, apresentamos a Tabela dos modos de referenciar, por meio das escolhas lexicais, o sujeito sem teto, destacando somente as menções nos comentários on-line:

Tabela 2 - Referenciação ao sujeito sem teto pelo auditório social nos comentários on-line.

Comentários (Veja e G1)	
referenciado	quantidade
V vagabundos	1
V eles x nós	1
V mais necessitados	1
G aproveitadores	1
G bandidos	3
G descendentes	1
G essa galera	1
G esse pessoal	1
G esse povo	1
G famílias	2
G foras da lei	1
G gente desonesta	1
G gente pobre	1
G invasores	1
G marginais	2
G massas	1
G nordestinos	1
G oportunistas	1
G pessoas	2
G pragas	1
G sem-teto	1

Fonte: As autoras (2020).

A quantidade de menções ao sujeito da ocupação é menor se comparado às menções à entidade MTST, que se estabelece como “alvo” das enunciações dos comentaristas. Contudo, ainda assim, todas essas menções descritas na tabela apresentada, mesmo os léxicos “pessoas” e “famílias”, são marcadas por um acento depreciativo aos sem teto. As pessoas pertencem a famílias que *não param*

de fazer filhos, por exemplo. Para o auditório social da mídia hegemônica⁷, o sujeito sem teto é *bandido, vagabundo, marginal, aproveitador, desonesto, fora da lei, oportunista, praga*.

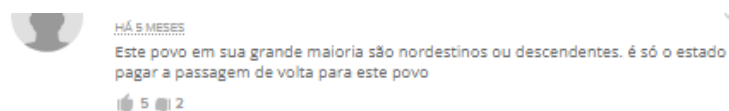
Os leitores-comentadores não respondem somente à notícia, mas reenunciam os discursos já-ditos em circulação social em relação aos sem teto. Em outras palavras, a referenciação responde, nesse sentido, ao auditório social de outros leitores dessas notícias, com a contextualização do sujeito sem teto na narrativa jornalística, pela enunciação da mídia, não sendo revozeada nos comentários. Em outros termos, essas reverberações remetem à construção social hegemônica de criminalização e marginalização das lutas sociais.

4. A IDENTIDADE DO SUJEITO SEM TETO

A primeira reacentuação que apresentamos é um comentário on-line publicado em resposta a uma notícia do *G1*. Entendemos que esse *site* realiza abordagem jornalística se ancorando no artifício da pretensa neutralidade do jornalismo, acionando fontes oficiais, institucionais, apresentando o contraditório. Em outras palavras, por apresentar *os dois lados*, entendemos que o *G1* reverbera comentários que dialogam de forma questionadora com essa postura. Nesse sentido, os comentários dialogam não com a pauta apresentada na notícia, mas com o cronotopo dos discursos sobre moradia como propriedade e como um lugar que não pode ser ocupado pelo sem teto.

Os discursos sobre a identidade dos sem teto mostraram-se salientes nos comentários on-line, como no C1, que evidencia um tom xenófobo quanto à origem da população que constitui a ocupação na região metropolitana de São Paulo: “*Este povo em sua grande maioria são nordestinos ou descendentes*”; e designa a solução passível pelo Estado: “*é só o estado pagar a passagem de volta para este povo*”.

Figura 1 - C1



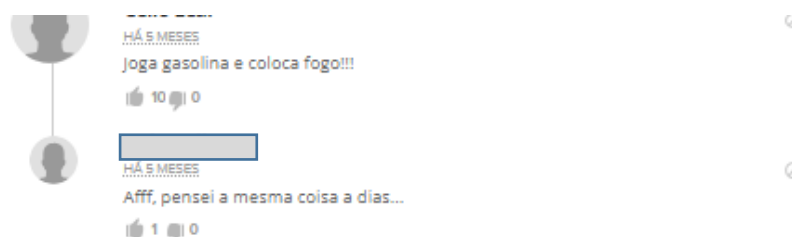
Fonte: G1, 2017.

Já nos comentários C2 e C3, por seu turno, os interlocutores questionam esse posicionamento “neutro” estabelecido na condução do *lead*, próprio da relativa estabilização do gênero. Se opondo a essa “neutralidade” da notícia, os comentadores apresentam um tom de criminalização do movimento

⁷ O *site* contra-hegemônico *Rede Brasil Atual* não disponibiliza o comentário on-line.

por meio da proposta de punição. Tais enunciados, muitas vezes, sinalizam formas criminosas de punição (C2), o que é legitimado por dez sinalizações de “curtidas” e nenhuma “não curtida”, além de um comentário reafirmando a seguinte posição do leitor-comentador: “*joga gasolina e coloca fogo*”, como forma de desocupar o terreno.

Figura 2 - C2

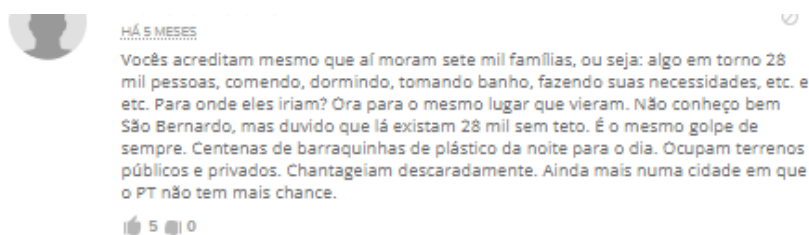


Fonte: G1, 2017.

Na notícia a qual se referem os comentários em tela⁸, em que são divulgados os termos estabelecidos judicialmente, está descrito que uma solução de habitação será de fato efetivada via poder público, que irá dispor de “*área pública para programa habitacional*”. A notícia não contextualizou o acordo obtido após meses de mobilização. Ainda assim, os comentários valoram de forma negativa as famílias, a mobilização em forma de ocupação, a organização via movimento social. Além disso, questionam a falta de reação da população e ou do poder público no intuito de forçar a desocupação (C2 - “*joga gasolina*”).

No comentário C3, o leitor-comentador questiona a legitimidade do movimento como representante de uma população desassistida de moradia. “*Vocês acreditam mesmo... Ora, para onde eles iriam? Para o mesmo lugar de onde vieram*”. Também utiliza as construções “*duvido*”, “*chantageiam*”, e ainda se apropria do benefício da dúvida ao admitir “*não conheço São Bernardo do Campo*”, mas, ainda assim com um tom de afirmação de que o lugar que não conhece não pode comportar 28 mil sem tetos (uma alusão à divulgação de 7 mil famílias).

Figura 3 - C3



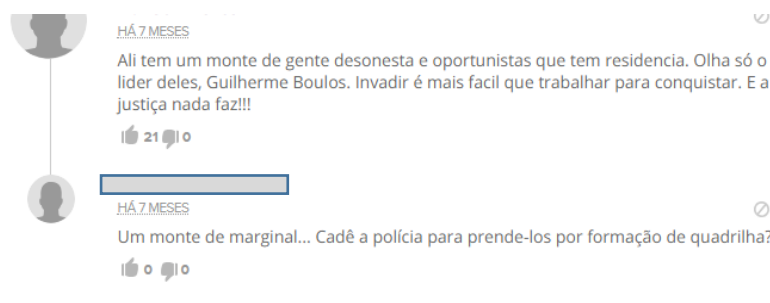
⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/acordo-suspende-reintegracao-de-posse-de-terreno-no-abc-por-120-dias.ghtml>. Acesso em: 21/04/2018.

Fonte: G1, 2017.

Ignora-se, nessas enunciações acentuadas valorativamente por um tom depreciativo e, por vezes, violento, diversos aspectos relativos ao sujeito sem teto. Ao se enunciar de modo taxativo e pouco reflexivo, os comentadores demonstram desconhecer, por exemplo, que os sem teto tiveram em algum momento acesso à moradia via aluguel e que esse valor antes desprendido já não está mais disponível; a moradia digna e o acesso à cidade como direito humano, constitucional e que deveria estar incluído em política pública universalizada; que a composição dessa militância em um acampamento é de famílias com adultos, crianças, idosos. Em outras palavras, o cronotopo da moradia como direito de todos não está no horizonte apreciativo dos leitores-comentadores, e sim o cronotopo da moradia como propriedade privada.

Os dados mostram que o auditório social das publicações sobre a luta por moradia não é atingido pela contra-narrativa, como vemos a seguir:

Figura 4 – C4



Fonte: G1, 2017.

Nesses comentários, observamos um tom de criminalização expressa por meio de julgamento. Primeiro há um movimento de generalização (“*Ali tem um monte de gente desonesta*”). Os enunciados também apontam no sentido de marginalizar e propor o uso da força policial pelo Estado como forma de solucionar o fim da ocupação (“*invadir é mais fácil que trabalhar para conquistar*”; “*Cadê a polícia para prendê-los por formação de quadrilha?*”).

O que se pretende refletir, a partir dos comentários aqui discutidos é que o debate proposto, nessa arena discursiva, a partir de uma notícia on-line, extrapola o contexto apresentado pela mídia que produz e faz circular a notícia. Isso tem relação com o dialogismo bakhtiniano, uma vez que, para Bakhtin (2008 [1963]), a natureza dialógica do pensamento humano, da ideia, não vive de maneira isolada individualmente na consciência. A ideia tem vida e “somente quando contrai relações dialógicas essenciais com as ideias dos outros” (BAKHTIN, 2008 [1963], p. 98). Ter vida, no mundo

da ideia, do pensamento, é se desenvolver, renovar sua expressão verbal, que gera novas ideias, que precisam também ser expressadas pelo outro, e se manifestam na interação verbal. “O pensamento humano só se torna pensamento autêntico, isto é, ideia, sob as condições de um contato vivo com o pensamento dos outros, materializado na voz dos outros, ou seja, na consciência dos outros expressa na palavra” (BAKHTIN, 2008 [1963], p. 98).

Entre os leitores-comentadores, a questão da moradia, seja como propriedade, seja como direito, é discursivizada por meio de enunciados que criminalizam, marginalizam, acentuam depreciativamente o movimento social de luta por moradia e seus integrantes.

Até o momento, tentamos delinear os modos como o sujeito sem teto é referenciado e como o outro lhe dá acabamento identitário. No entanto, é preciso também evidenciar como o sujeito sem teto se enuncia discursivamente e como ele vai construindo sua identidade nessa relação de alteridade com discursos outros em circulação social sobre sua própria existência.

Enquanto o sujeito sem teto é marginalizado e criminalizado pelo auditório social da mídia hegemônica, seja na sua constituição discursiva como pessoa-família, integrante de movimento social organizado, seja no seu entendimento de sujeito-militante-invasor, ele tem a oportunidade de ter sua voz materializada e se enunciar sobre sua própria identidade. O sujeito sem teto se enuncia por meio de revozeamento pela mídia, hegemônica e contra-hegemônica, via discurso direto, discurso citado, sendo fonte de entrevista nas notícias e reportagens.

É pela interação, na relação social marcada pela posição de sujeitos, que a afirmação da identidade e a marcação da diferença “implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir” pois “dizer ‘o que somos’ significa também dizer ‘o que não somos’”, remetendo a pertencimento e não pertencimento (SILVA, 2014, p. 82).

Conforme detalhamento apresentado, os leitores-comentadores das notícias e reportagens constroem uma identidade de um sujeito sem teto *vagabundo, aproveitador, bandido, fora da lei, marginal*. Esses modos de referenciar também situam esses sujeitos como *massa de manobra*, como pessoa que *coloca muito filho no mundo*.

A partir dessa construção identitária pelo outro, observa-se um movimento, pelo sujeito sem teto, que busca seu acabamento identitário no enfrentamento dessas “vozes” sociais depreciativas, estabelecendo uma contra-narrativa, como ocorre de maneira mais saliente na reportagem da RBA (QUEREMOS..., 2017), que traz o discurso citado de revozeamento do sem teto logo na manchete, conforme Figura 5:

Figura 5 - A voz do sem teto entre aspas na manchete da reportagem produzida pela RBA



Fonte: RBA, 2017.

Conforme Volóchinov (2017 [1929]), a mobilização de discurso direto ou discurso indireto de um enunciado alheio são padrões de transmissão e não expressam percepções avaliativas desse enunciadador revozeado. A importância está na percepção desse enunciado pelo auditório social, é voltada para um terceiro, isso porque essa “orientação para um terceiro é especialmente importante, pois ela acentua a influência das forças sociais organizadas sobre a percepção do discurso” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 252).

O uso dessa voz entre aspas, na forma de discurso direto, é importante também para a preservação de *elementos afetivo-emocionais* do discurso (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 269), expressos na forma e não no conteúdo do enunciado e que sofrem mudanças se usados no discurso indireto, e caracterizam estilisticamente um enunciado enquanto expressão (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 273). Esse movimento pode ser observado ainda no lead da reportagem em tela:

“Não queremos nada de graça nem queremos tomar nada de ninguém. Queremos pagar por isso, mas queremos que seja iniciado um projeto de moradia rápido, porque aqui ninguém tem mais como pagar aluguel”, diz a ajudante geral Selma Alves, de 30 anos, uma das únicas entrevistadas com emprego fixo ouvida pela reportagem. Prestes a mudar para a ocupação, ela gasta R\$ 600, metade de seu salário, no aluguel. “O resto é para comer e comprar remédio para minha filha. Não dá para mais nada”, conta a frequentadora assídua das reuniões da ocupação, que ocorrem diariamente às 19h (QUEREMOS..., 2017).

A reportagem situa os enunciados do discurso alheio na voz da trabalhadora sem teto para designar determinado contexto, o da falta de recursos para necessidades básicas, como remédio e moradia. Também descreve, na forma do discurso indireto, outras informações complementares, situando sua rotina na ocupação, de que maneira é distribuído o valor do seu salário, a profissão que a trabalhadora desempenha, o fato dela ser uma das poucas com emprego fixo.

No texto escrito da reportagem, a narrativa é construída de forma a humanizar os sujeitos da *Ocupação Povo Sem Medo*, conforme alguns trechos abaixo, todos recortados de declarações entre aspas:

“O aluguel drena muita coisa. Sem trabalho, sem dinheiro entrando, não conseguia mais pagar para morar e comprar comida”;
“Graças a Deus apareceu essa ocupação, que para muitos é vista como uma bagunça. Se não fosse por ela, estaríamos na rua”;
“Até para comer dependo da ocupação”.

Esses modos de enunciar o sujeito sem teto configuram, portanto, 1) uma força centrífuga, normatizadora da língua, que busca estabilização no horizonte apreciativo do grupo social, da construção identitária que marginaliza esse sujeito; e, 2) a subversão, de sua enunciação como trabalhador, sujeito de direito, como força centrípeta, descentralizadora (BAKHTIN, 2015 [1930]).

A forma como o sujeito sem teto se enuncia nos remete à reflexão de que ele se enxerga como um sujeito de direito, mas que precisa reforçar sempre discursivamente sua identidade de trabalhador, de pai e mãe de família, situar sua condição de desempregado, de pessoa desprovida de acesso à habitação nesse espaço-tempo da financeirização da moradia com vista a construir um contradiscurso ao que é recorrentemente discursivizado sobre sua identidade (Cf. Tabela 2).

Assim, essa correlação de forças, nas diferentes enunciações valoradas sobre o mesmo sujeito, o sem teto se mostra como alguém consciente de sua identidade e do não-lugar que ele ocupa no mundo diante desse horizonte social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente análise, apresentamos os discursos que circulam sobre a identidade do sujeito sem teto em textos do jornalismo on-line, acerca de uma situação de interação específica, a saber a “*Ocupação Povo Sem Medo*”.

Nessa arena discursiva sobre a mobilização social para fins de aquisição de moradia, que ora refrata com maior aderência seu entendimento como propriedade e ora revozeia a pauta da mobilização, que enuncia a moradia como direito, se materializa, nos enunciados dos leitores-comentadores, em um processo de constituição identitária do sujeito dessa mobilização. Os discursos sobre a identidade do sujeito sem teto constituem-se, portanto, pelas relações heterodiscursivas com leitores-comentadores, a partir da produção das notícias e das reportagens: o sujeito é referenciado como *vagabundo, invasor, não quer pagar pela moradia*. Assim, foi saliente, nos dados, os modos como os leitores-comentadores discursivizam e valoram o sujeito sem teto, muitas vezes, enunciando-se de modo a criminalizar e marginalizar a existência desses atores sociais e de sugerir propostas de solução para esse conflito via desocupação do terreno e uso de violência. Respondem

valorativamente nos comentários, de modo incisivo/agressivo, em referência aos movimentos sociais e as ocupações, orientados pelo cronotopo da moradia como propriedade.

Situamos, ainda, como essa valoração depreciativa provoca uma resposta-ativa do sujeito sem teto, que também se enuncia construindo um contradiscurso, evidenciando que há também, nessa arena discursiva, uma contra-narrativa do sujeito sem teto, que se enuncia como um sujeito sem teto trabalhador, em situação de desemprego, que busca na ocupação uma opção financeira viável para morar.

REFERÊNCIAS

ACORDO suspende reintegração de posse de terreno no ABC por 120 dias. G1, São Paulo, 11 dez. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/acordo-suspende-reintegracao-de-posse-de-terreno-no-abc-por-120-dias.ghtml>. Acesso em: 04/12/2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João editores, 2010 [1986].

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1963].

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I – A estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015 [1930].

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Referenciação e uso. In: **Anais - VI Congresso Internacional da Abralín / Dermeval da Hora (org.)**. João Pessoa: Idéia, 2009. 3119p. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/M%C3%B4nica%20Magalh%C3%A3es%20Cavalcante%20-%20ok.pdf. Acesso em: 14 dez. 2018.

GERALDI, J. W. **Ancoragens: estudos bakhtinianos**. São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. São Paulo: DP&A. 2006 [1992].

PONZIO, Augusto. Prefácio. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

QUEREMOS nosso direito à moradia. E queremos pagar pela nossa casa. Rede Brasil Atual, Brasil, 24 set. 2017. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/132/2018queremos-nosso-direito-a-moradia-e-queremos-pagar-pela-nossa-casa2019>. Acesso em: 21/04/2018.

RIBEIRO, A. P. G.; SACRAMENTO, I. Mikhail Bakhtin e os estudos da comunicação. In: RIBEIRO, A. P. G.; SACRAMENTO, I. (orgs.). **Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia**. São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2010.

ROHLING, Nívea. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**. Brasília, v. 15, n. 2, p. 44-60, 2014.

ROHLING, Nívea. Subjetividade, alteridade e identidade no processo de ‘formar-se’ professor de Língua Portuguesa. In: SALEH, P.B.O. COSTA-HÜBES, T.C. (org). **O lugar da subjetividade no ensino da língua(gem)**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2018.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T. (org) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].